



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em visita
ao Retiro de Itaici - CNBB**

Indaiatuba – SP, 1º de maio de 2003

Inicialmente, eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro dom Jayme Chemello, presidente da CNBB,

Dom Lourenço Balisseri, núncio apostólico,

Dom Marcelo Carvalheira, grande companheiro de Guarabira,

Dom Raymundo Damasceno,

Dom Gilberto Lopes, arcebispo de Campinas,

Meus companheiros ministros que estão aqui, José Dirceu, Cristovam, Dulci, Gushiken, Graziano,

O nosso querido companheiro senador Eduardo Suplicy,

O deputado Luiz Eduardo Greenhalgh,

O deputado Salvador,

O prefeito de Indaiatuba, Reinaldo Nogueira,

A nossa querida prefeita de Campinas, Isalene Tiene,

Antonio Mentor, deputado estadual,

Quero cumprimentar os cardeais que estão aqui. Um deles esteve comigo hoje, de manhã, na Missa do Trabalhador, em São Bernardo do Campo,

Quero cumprimentar todos os bispos, dos funcionários aos cozinheiros, que fizeram uma comida maravilhosa.

Quero cumprimentar os padres que estão aqui,

E quero, ainda, cumprimentar, todos os funcionários da CNBB.

Eu me lembro que, na última vez em que estive aqui, havia um debate interessante. Nós estávamos discutindo a consulta popular. E é importante



dizer para vocês que, naquele dia, eu participei de uma Mesa em que a grande discussão era se nós deveríamos acreditar que, através do processo eleitoral, nós conseguiríamos chegar ao Governo rapidamente, ou se nós tínhamos que preparar a organização da sociedade para que, dali a alguns anos, nós pudéssemos ganhar.

Eu me lembro que havia vários companheiros aqui, sindicalistas, do movimento popular. Alguns eu sabia que iam ser candidatos. E eu me lembro que fiz uma pergunta naquele dia. A pergunta que eu fiz foi a seguinte: “Se nós vamos ter que esperar 30 anos para organizar 30% da sociedade socialista, o que eu faço com quem quer ser candidato agora? Até porque eu não posso esperar mais 30 anos, ou seja, a minha disputa tem que ser por esses dias”. E graças a essa visão de que o processo eleitoral poderia ir abrindo espaço para que nós pudéssemos ganhar uma vaga de vereador, uma vaga de prefeito, uma vaga de deputado e ir colocando a população organizada para participar do poder, é que nós chegamos à Presidência da República.

Logicamente que entre chegar à Presidência da República e exercer o poder em sua plenitude, há uma diferença muito grande. Eu, um pouco antes da posse, li uma entrevista do presidente Sarney nas páginas amarelas da revista “Veja” em que ele dizia que lamentava que 80% das ordens do Presidente não eram cumpridas, porque não chegavam onde ele queria que chegassem. Ora, não levando isso a ferro e fogo, a verdade é que você tem uma estrutura burocrática dentro da máquina governamental, e não é fácil trabalhar com ela. É delicado.

E as mudanças se dão, também, ao longo do tempo, não tem como fazer imediatamente uma ruptura com uma estrutura de máquina que funciona do mesmo jeito há muitos anos. Na verdade, nós somos os intrusos dentro da máquina, ou seja, a máquina não foi feita tal como ela está para nós governarmos. Cabe a todos nós, agora, irmos criando a possibilidade de fazer as mudanças e ir adequando essa máquina a um funcionamento democrático,



que crie espaço para a sociedade poder, definitivamente, dizer como é que as coisas devem acontecer neste país.

Quero dizer algumas coisas a vocês, porque muitos aqui podem me conhecer de ouvir falar. Outros, durante algum tempo, quem sabe, tiveram medo do “bicho-papão” que o Lula era neste país. Eu, que já fui chamado de tantas coisas, que já causei tanto medo – mas a compensação é que causei esperança em outras pessoas – eu gostaria de dar um testemunho pessoal, antes de dizer algumas coisas de Governo.

Acho que é importante todos saberem que eu sou um retirante nordestino, filho de uma mulher que teve oito filhos. Na verdade teve 12, mas quatro morreram, oito sobreviveram. Filho de um retirante que veio para São Paulo arriscar a sorte como tantos vieram, na década de 50, e que por aqui casou outra vez e deixou minha mãe sozinha. E que ela veio para São Paulo, por teimosia. Ela foi enganada para vir para São Paulo, porque quem disse que era para ela vir foi um irmão meu, que mandou uma carta, sem que meu pai, – que não queria que ela viesse –, soubesse da carta. E, para nossa surpresa, quando chegamos aqui, meu pai estava casado com outra mulher e já tinha mais quatro filhos.

Eu tenho um total de 26 irmãos, 12 de minha mãe e 14 da outra mulher do meu pai. Eu não sei quantos estão vivos. Da minha mãe sei que há sete vivos. Mas eu tive a sorte, que hoje a molecada não tem, a meninada não tem, de arrumar, 1960, a possibilidade de fazer um curso no SENAI. Fiz um curso de torneiro-mecânico e esse curso me deu alguns privilégios, que tinham os trabalhadores que possuíam uma profissão.

Primeiro, eu fugi do salário mínimo. Eu passei a ser torneiro-mecânico e isso era uma profissão muito boa na época. Não era como o Gilberto Carvalho, que se meteu a largar o Seminário para ser operário e virou soldador. Eu era torneiro-mecânico. E aquilo me fez ganhar um salário razoável. Em alguns momentos, acho que ganhava mais do que o salário de médico, na época. E,



por isso, eu fui o primeiro filho, dos oito da minha mãe, a ter um diploma profissional, a ter um carro, a ter uma geladeira, a ter uma televisão, a ter uma casa. Eu era avesso à política, não gostava de política, como, quem sabe, muitos padres, muitos bispos falam que não gostam de política. Eu odiava política. Eu ainda dizia, por ignorância, que não gostava de política e não gostava de quem gostava de política. Isso era a ignorância elevada à quinta potência.

Eu fui para o sindicato na marra. Eu não gostava do sindicato também. Eu achava que lá só tinha comunista. Eu tinha 21 anos de idade. Meu irmão era militante, era muito atuante e tentava me convencer, todas as vezes, mas eu nunca tive vontade de ir para o sindicato.

Mas, como na vida acontece, um belo dia eu fui convencido a ir ao sindicato. Eu fui e cheguei no momento de uma briga de uma chapa contra a outra. Quiseram bater no meu irmão. E aí, por conta disso, eu passei a gostar do sindicato. E isso foi em 1967, minto, em 1968. Isso foi em agosto de 68. Em setembro eu já estava filiado e, em 69, eu já estava eleito diretor. Mas nunca me passou pela cabeça que eu fosse dirigente sindical, como nunca me passou pela cabeça que eu fosse Presidente do sindicato. Eu fui eleito Presidente. Quando anunciavam o meu nome, eu já ficava vermelho de vergonha. E é por isso que eu digo que a vida ensina muito, porque eu consegui me transformar num dirigente sindical razoável, porque tinha que sobreviver. Não só o enfrentamento que fazia com os empresários, mas sobreviver ao trabalho que a oposição fazia para tentar me derrotar no sindicato.

Depois, eu me lembro que nós tivemos um momento glorioso no movimento sindical, que foi a questão da reposição salarial de 1977, a famosa reposição dos 34,1% que tinham nos roubado. Foi dali que começou uma certa projeção do movimento sindical junto aos órgãos de comunicação e à imprensa. Foi daí, então, que começou a minha aproximação muito forte com a



Igreja.

Eu estava comentando hoje, na missa, que com o padre Adelino eu até tive uma divergência. Se pegarem a revista “Isto É”, de 1978, há matéria ali sobre uma divergência minha com o padre Adelino e, depois, nós não só ficamos grandes amigos, como a Igreja passou a ser o palco de todas as nossas lutas, porque em toda greve o sindicato sofria intervenção e a gente corria para dentro da Igreja e lá estava a porta da Igreja aberta, estava o salão paroquial aberto e era lá que a gente fazia a nossa distribuição de alimentos, era lá que a gente arrecadava alimentos, ou seja, a Igreja passou a ser um sindicato adjunto, por falta do sindicato legalmente constituído.

E eu sempre disse que a minha história é a história do PT, embora alguém possa não gostar ou não querer, mas foi exatamente isso, tem muito a ver com a Igreja. Mesmo que vocês não queiram, jamais escaparão de ter a vinculação da história do PT muito ligada à Igreja e, sobretudo, à Igreja Católica. Digo isso com orgulho, porque eu sei que, muitas vezes, a imprensa acusou o PT de ser apoiado pela Igreja, e eu sempre dizia: a Igreja, enquanto instituição, nunca apoiou o PT ou qualquer outro partido. Mas nós tivemos a primazia de vocês criarem Comunidades de Base, de vocês criarem Pastorais Operárias, de vocês criarem Pastorais de Imigrantes, de vocês criarem Pastorais da Juventude, de vocês criarem uma série de movimentos de base com leigos. E, à medida em que foram aprendendo com vocês, foram tendo consciência política e apareceu o PT, e essas pessoas viam no PT o espaço político para se manifestarem.

A verdade, meu querido dom Jayme, é que, mesmo sem uma decisão da Igreja, vocês nos deram de presente a mais bela organização de base que este país já teve durante esses anos todos.

Às vezes, eu chegava num lugar e as pessoas falavam: “Olhe, Lula, nós somos da comunidade tal, somos do movimento tal. O bispo é meio conservador, não quer conversar com você. Nós pedimos para ele receber



você, mas nós queremos participar”. O PT nasceu assim, onde houvesse um padre que gostasse de uma boa luta, um bispo que gostasse de uma boa briga e um militante de base com consciência política. O PT nasceu rapidinho, por conta disso. Por que Getúlio não conseguiu criar um partido – mesmo sendo Presidente da República – com a força do PT? Por que, por exemplo, apenas como fato histórico, o Brizola não conseguiu criar um partido nos moldes do PT? Por que nenhum outro conseguiu e nós conseguimos? Porque nós conseguimos o milagre da multiplicação dos seres humanos. Cristo multiplicou os pães e nós multiplicamos os seres humanos. Foi a junção mais perfeita que Deus permitiu nascer na organização política: era o que havia de melhor no movimento sindical, o que havia de melhor no movimento social e o que havia de melhor no trabalho de base que a Igreja Católica fez neste país.

É por isso que, lá pelo ano de 1979, quando a gente estava pensando em organizar o PT, lá estava o Lula em Guarabira, fazendo assembléia para ver se conseguia mexer com o rebanho do dom Marcelo e trazer um pouco para o nosso lado.

Bem, isso fez com que o Partido se transformasse no Partido de maior organização no meio do povo, na história do Brasil. As pessoas podem gostar ou não do PT, mas não tem similar na história política do nosso país, ou seja, estamos enraizados naquilo que existe de mais organizado.

Dom Jayme falava assim, para mim, na entrada: “Por que essas mulheres do PT gostam tanto do Lula?” Não é do Lula que elas gostam. É porque há muitas mulheres aí que estão no movimento há uns 30 anos, 20 anos. E não sou nada mais, dom Jayme, do que o resultado da junção da esperança que esse povo vem acumulando ao longo de tantos anos de sofrimento. Eu sempre disse que não sou o resultado da minha inteligência, o resultado da minha capacidade; eu sou o resultado da média do grau de consciência política da sociedade brasileira. E chegamos aqui porque acho que é obra de Deus, porque, veja: em 78, por exemplo, eu era totalmente apolítico.



Seis meses depois, eu já estava apoiando o Fernando Henrique Cardoso para candidato ao Senado, aqui em São Paulo, porque, na época, ele era um intelectual vindo do exterior, progressista, e era uma novidade.

Tem gente que era de Esquerda há 30 anos e, hoje, está na direita; tem gente que era de Direita. O exemplo maior que eu cito sempre é o Teotônio Vilela. Teotônio Vilela foi um homem que pegou em metralhadora para acabar com comício de comunista nos palanques de Alagoas e terminou sua vida sendo um dos mais dignos brasileiros que nós conhecemos na luta pela anistia, na luta pelos direitos humanos.

Eu acho que é com essa mobilidade e essa flexibilidade que a gente tem que ver o mundo. A gente nunca pode exigir que as pessoas sejam perfeitas como nós pensamos que somos. É melhor a gente se adaptar a aceitar e conviver com as pessoas como elas são, tentando tirar proveito daquilo que cada um tem de bom para oferecer. Nem todo mundo é 100% bom – só Deus – e nem todo mundo é 100% ruim. Então, nós temos que aproveitar essa sabedoria para tentar conviver com mais facilidade.

Pois bem, de 80 para cá, vocês já conhecem o resto da história. Vocês já conhecem a história porque é uma história que está na imprensa: o resultado das greves, as campanhas e os acontecimentos.

Quero que vocês saibam o seguinte, para a gente poder se entender do jeitinho que o dom Jayme falou. Eu não quero que a CNBB seja uma correia de transmissão do meu governo, como não quero que meu governo seja uma correia de transmissão da CNBB. O que quero é que a gente aproveite tudo que sonhou e aprendeu na vida para, agora que a gente está no Governo, tentar criar os espaços e as possibilidades de as políticas públicas serem executadas, apoiados na experiência acumulada que a Igreja Católica tem neste país. É isso que, para mim, é fundamental e é muito importante.

Quem for eleito Presidente, secretário-geral da CNBB, jamais vai me ver na porta da sede da CNBB pedindo para apoiar publicamente uma política do



governo. O que queremos é ter um espaço democrático, tanto para chamar a CNBB para conversar como para ir conversar com a CNBB e apresentar as nossas propostas. Agora, por exemplo, vai haver um momento excepcional, dom Jayme, que é a discussão do Plano Plurianual do governo. O Plano Plurianual é uma “peça de ficção” que o Presidente da República faz por meio do Ministério do Planejamento, e manda para o Congresso Nacional. Ninguém nunca se interessou por aquilo e aquilo é aprovado. Então, aparece na imprensa: “O Governo vai gastar 50 trilhões de reais e tal”, aquele negócio todo e ninguém sabe o porquê.

Nós queremos fazer diferente. Nós, agora, queremos envolver a sociedade brasileira. O tempo é curto, mas nós vamos, agora, querer envolver todas as entidades de caráter nacional deste país, para fazer um orçamento participativo. E vamos querer que as pessoas digam claramente que tipo de Plano querem, porque nesse Plano acho que vamos discutir uma coisa sagrada, que é o desenvolvimento regional, sem o qual não acredito que haja planos que possam fazer um país da dimensão do Brasil dar certo. Então, aí, sim, nós vamos chamar a CNBB, entregar um projeto e dizer: “nós gostaríamos que a CNBB discutisse isso, que desse sua sugestão, que colocasse no papel”. E vamos ouvir a CUT, a Força Sindical, a OAB, a CGT. Ou seja, quem for possível ouvir nós vamos querer ouvir. É essa relação, democrática, fraterna, que eu quero.

Uma outra coisa que vamos precisar da Igreja e vamos precisar muito: mesmo que não fosse por inteligência nossa, mas porque o mundo mostra que temos que saber utilizar é o potencial e as raízes que vocês já têm na elaboração e na execução de políticas sociais neste país. Se o Governo se meter a ser esperto demais e começar a criar instituições e aparelhos para tentar fazer política social sem aproveitar na sociedade aquilo que ela já criou, o Governo cometerá o erro histórico que outros já cometeram. Por isso é que temos que conversar abertamente sobre o que pode ser feito.



E fiquei feliz, porque o Cristovam estava me dizendo que quase fez um acordo, ali, no jantar, para, nessa campanha de alfabetizar 20 milhões de brasileiros, o Governo, através do Ministério da Educação, fazer um convênio com a Igreja, que tem uma política de alfabetização há muito tempo. Então, o Cristovam, por mais esperto e inteligente que é, não vai se meter a criar uma nova coisa. Ele vai oferecer à Igreja uma parceria, para que a Igreja possa aperfeiçoar os seus projetos de alfabetização. E isso vale para muitas coisas que temos que fazer neste país. O acordo é com o pessoal do MEB, Movimento de Educação de Base da Igreja Católica.

Mas tem outras dezenas de coisas. Há saúde, há experiência em cuidar de crianças; em cuidar de deficientes; em cuidar de velhinhos; em cuidar de migrantes. Ou seja, tem tanta coisa que, ao invés de a gente inventar, o que temos que fazer é tentar propor parceria, sem que a gente tenha ingerência, até porque, por inteligência, a gente tem que saber que, através das entidades, pode-se fazer com que um real valha dois. Ou seja, a gente pode utilizar com muito mais competência o dinheiro público tão escasso neste país. Então, podem ficar certos de que, em cada cidade, em cada diocese, vocês vão ver o Governo procurando por vocês para fazer parceria. É essa relação fantástica que quero criar.

Mas quero dizer para vocês que há outra responsabilidade, dom Jayme – e, aí, já é de gente do seu rebanho, como eu –, que é o seguinte: nós temos que ter consciência de que o Brasil não elegeu apenas um Presidente da República. Nós temos que ter noção de que alguma coisa diferente aconteceu neste país e temos que meditar sobre isso. Por que aconteceu alguma coisa diferente? Não estava prevista em nenhum livro de sociologia política recente a possibilidade de eu ser eleito Presidente da República. E eu só fui eleito Presidente da República por causa do que eu disse anteriormente: por causa do trabalho de base dos chamados setores organizados da sociedade brasileira. E a expectativa que criamos internamente e externamente na



sociedade brasileira, na América do Sul, na América Latina, na África e em alguns países da Europa é algo que, muitas vezes, me assusta.

É por isso que tenho repetido todas as vezes: eu não posso errar e não vou errar, porque um fracasso do meu governo será um fracasso de uma parte da história de pessoas que lutaram durante 30 ou 40 anos. Alguns morreram, não chegaram a ver este momento. Outros ficaram pelo caminho. Milhões de trabalhadores perderam o emprego neste país. Então, nós chegamos ao governo. Agora, qual é a nossa responsabilidade? É fazer com que aquilo que a gente sonhou a vida inteira possa ser colocado em prática, com a cautela necessária, com os critérios mais democráticos possíveis, mas que a gente dê passos consistentes para que possamos, no final de um mandato, fazer uma avaliação daquilo que aconteceu no país nos últimos 20, 30, ou 40 anos.

E por que digo isso? É porque, não sei se vocês sabem, eu sou o candidato preferencial do povo argentino. Na última pesquisa, tive 60% dos votos na Argentina. Só que não sou candidato na Argentina. E isso significa o quê? Significa que o povo perdeu a esperança na liderança deles e vêem na nossa vitória, – por causa até da nossa relação sindical de muitos e muitos anos –, um exemplo de dirigente que poderia haver na Argentina, que, se Deus quiser, um dia eles vão construir. Mas, se a gente vai a qualquer país da América do Sul, é o mesmo.

É por isso que nós, do Governo, temos consciência de que não temos o direito de não fazer as coisas com que, a vida inteira, sonhamos.

E me lembro de uma coisa que eu dizia em 82. Perguntavam-me por que eu queria ser candidato a governador e eu dizia: “porque quero ver se sou capaz de atender às minhas próprias reivindicações”. Essa é a coisa gostosa de ser governo. É que, agora, vou ter que demonstrar que sou capaz de fazer aquilo que eu alimentei na minha consciência durante 30 anos de militância política. E fazer com muito mais competência, sabendo que não posso deixar de fazer.



Vamos ter que fazer a reforma agrária melhor do que já foi feito em qualquer outro momento da história deste país. Eu disse a dom Jayme, outro dia: “nós precisamos mudar um pouco a nossa concepção de reforma agrária, porque precisamos ter um duplo trabalho”. Primeiro, você tem que fazer o assentamento. Mas, ao mesmo tempo, você tem que ter consciência de que 80% dos assentamentos hoje existentes neste país – e dom Tomás Balduino deve saber muito bem disso – estão, praticamente, vivendo de cesta básica.

Não é possível que você utilize a reforma agrária apenas como transferência de miseráveis urbanos para continuarem miseráveis rurais. Não. É preciso tornar essas companheiras e esses companheiros produtivos, é preciso organizá-los em cooperativas, é preciso criar agroindústrias, para que a gente possa facilitar a conquista da cidadania, melhorar a vida dessas pessoas.

Esse é um trabalho imenso, e não é apenas uma questão de dinheiro. É mais uma questão de organização, porque, se você não estiver organizado, não tiver preparado um projeto bem feito para aquilo, as coisas não acontecem.

Nós sabemos disso. Sabemos que precisamos alfabetizar esse povo. Eu disse, durante a campanha, que o emprego era a minha obsessão e nós vamos ter uma política de geração de empregos muito agressiva. Nós íamos lançar hoje, no dia 1º de maio, e resolvemos não lançar, porque queremos prepará-la melhor. Queremos discutir com outros setores, para saber se vai colher o resultado que estamos esperando colher.

E por que transformei o emprego numa obsessão? Porque, hoje, quem vive, como vocês vivem, andando pela periferia deste país, visitando as igrejinhas nos menores e mais pobres lugares do Brasil, sabem que um dos grandes problemas que temos hoje, além do econômico, é um processo de desagregação dos valores da estrutura da própria família. A gente sabe o que é isso. É uma tarefa tão imensa ou até mais difícil do que o econômico, que é voltar a mexer com valores de jovens que não acreditam mais em nada; que não acreditam na Igreja; que não acreditam nos partidos; que não acreditam



nos sindicatos; que não têm mais referência para nada. É pai brigando com mãe; é filho brigando com pai; é filha brigando com mãe. É a destruição da base, da célula principal de uma sociedade.

Fico imaginando como é que fui criado por uma mãe sozinha, com oito filhos, morando num quarto-e-cozinha, no fundo de um bar, onde as pessoas começavam a ficar bêbadas no sábado, às 9 horas da manhã, e não paravam até às 3 horas da manhã. E minha mãe conseguiu criar oito filhos – todos, homens e mulheres – trabalhadores e honestos. Por quê? Porque havia uma estrutura e uma referência que era ela. Ela tinha valores. E olhem que ela morreu analfabeta. Minha mãe não sabia fazer um “o” com um copo. Entretanto, ela tinha valores que havia herdado da mãe dela e que passou para nós.

Hoje, o que a gente percebe? Isso está desaparecendo aos poucos. Numa escola pública, uma criança não respeita mais o professor, não respeita mais a professora. Se a professora briga, a mãe vai à Associação de Pais e Mestres e já faz um processo. A criança chama mais três ou quatro e batem na professora. Na escola do meu bairro, Assunção, que é um bairro de classe média, sabem o que fizeram, no começo deste ano? A molecada subiu e destruiu a caixa d’água e os banheiros. E fica todo mundo com medo de mexer, com medo de apanhar, com medo de alguém dar um tiro na saída. Ou seja, essa tarefa de recuperar os valores é uma tarefa revolucionária para cada um de nós. E vamos ter que fazer. Vai custar muito, mas vamos ter que fazer. É por isso que o emprego é uma obsessão para mim, como a educação.

Eu confesso a vocês: tenho cinco filhos. De vez em quando, digo para os meus amigos: “me arrependi de não ter colocado meus filhos para estudarem no SENAI, como eu estudei, e de não os ter colocado para trabalhar com 15 ou 16 anos, pelo menos por meio período, para que eles pudessem ir dando valor às coisas que eles fazem”.

Esse é um trabalho que não é de Governo, dom Jayme. O Governo



pode ser o indutor. Esse é um trabalho que, se a sociedade não arregaçar as mangas e não assumir para fazer, ninguém vai fazer neste país. Não há políticas públicas, através de Ministérios, que consigam resolver um problema dessa dimensão. E cuidar dessa meninada é um desafio excepcional que temos que fazer para recuperar alguns valores.

Vamos ter que resolver os problemas dos índios neste país, de uma vez por todas. Nós fizemos uma Constituição maravilhosa, mas, até hoje, não foram demarcadas todas as terras e, naquelas que foram demarcadas, não foram dadas as condições para que eles pudessem trabalhar condignamente e pudessem manter a sua cultura acesa e viva. Nós vamos ter que cuidar disso com carinho. E sabem por que vamos ter que cuidar disso com carinho? Porque, se não cuidarmos, nós vamos nos sentir frustrados, porque isso faz parte da nossa vida. Afinal de contas, são 30 anos acumulando trabalho, discussão com essa gente.

A questão do negro no país. Nós criamos uma Secretaria para ver se a gente consegue acabar com os preconceitos, porque somos uma sociedade preconceituosa. Nós acabamos com a escravidão há um século e meio. Entretanto, grande parte dos negros ainda vive segregada neste país. É uma questão cultural. Mesmo dentro de uma fábrica, o negro tem dificuldade de ser chefe.

Esses são valores que vamos ter que começar a recuperar.

Meus amigos e minhas amigas, eu acho que é para essas coisas que poderemos estabelecer as grandes parcerias deste país, as grandes reformas, as grandes transformações que temos que fazer no Brasil. E, possivelmente, nem eu e nem vocês vejamos o resultado de algumas delas, porque não podemos continuar fazendo política como sempre se fez no Brasil. O Brasil é pensado apenas de quatro em quatro anos, ou seja, eu ganho as eleições e tenho que fazer um monte de coisas, tenho que fazer bastante pirotecnia, porque tenho a minha reeleição pela frente. Eu não quero pensar o Brasil para



quatro anos. Quero que a gente pense no Brasil para 20 anos, para 30 anos. Quero que a gente plante hoje o que vamos deixar para as futuras gerações neste país.

Todos vocês – e sei que a CNBB tem extraordinários especialistas e analistas econômicos e políticos, porque também leio os documentos da CNBB, sabem a situação em que nós recebemos este país. E sabem que a teoria básica era a seguinte: “se ficar, o bicho come; se correr, o bicho pega”. E a gente já sabia que era ruim durante o processo eleitoral. Quando entramos na transição, descobrimos que era pior do que a gente imaginava. E, mesmo assim, não perdi meu otimismo. Sabem por quê? Porque, se a situação deste país fosse boa, eu não seria Presidente da República. Só fui eleito Presidente da República porque a situação estava tão ruim que eu passei a ser a grande esperança desse povo. E é este o desafio que acho que temos que encarar com maestria.

É por isso que acordo, todo santo dia, dom Jayme, mais otimista do que quando fui me deitar. Não há números, não há nada que apareça na imprensa que mexa com a minha cabeça e que me tire um milímetro da expectativa de que a gente vai fazer muita coisa neste país.

Quando começamos o Governo – e começamos com o Programa Fome Zero –, o que eu quis sinalizar? É que, se a pessoa não comer, tudo mais será difícil para ela. Se ela não comer, terá dificuldade de estudar. Se ela não comer, vai ser uma pessoa fragilizada e doente. Se ela não comer, não terá possibilidade de trabalhar. E nós sabemos que, se uma criança não comer bem até os seis anos de idade, vai ficar com seqüelas cerebrais que, possivelmente, não se recuperam mais. É por isso que, de vez em quando, a gente lê nos jornais que a Organização Mundial da Saúde diz que no Brasil há 15 milhões de pessoas com algum problema de deficiência mental.

Fiquei mais horrorizado, Lúcio, quando, em Roma, em 1995, foi feito um acordo, entre os Presidentes de mais de 120 países, para, em 15 anos, até



2015, diminuir a fome em 50% no mundo. Os cálculos da FAO, hoje, são de que a incompetência dos governantes foi de tal ordem que, agora, de 2015 passou para 2050.

Estamos tentando juntar agora – e acho que, no próximo mês, teremos uma grande reunião –, com personalidades do Fórum Social Mundial, personalidades do Fórum de Davos, porque queremos construir uma proposta de combate à fome no mundo. E uma das idéias – o Deda já discutiu com companheiros e já me deu algumas idéias – mas uma coisa certa é que a gente tem que balançar o mundo. E estou indo, no dia 1º de junho, para a França, para participar do encontro do G-7, mais África do Sul, mais México, mais Índia, mais China e mais Nigéria. Nós queremos apresentar uma proposta concreta. Querem combater a fome? Vamos, pelo menos, dar 1% do que cada país gasta em armamento neste mundo para que a gente possa resolver o problema da miséria no mundo.

Nós, dom Jayme, tivemos um primeiro momento, em que assumimos um compromisso de fazer uma boa política para o Mercosul. Se vocês analisarem, vão perceber que nós já fizemos, em quatro meses, mais reuniões com os Presidentes dos países da América do Sul do que foi feito nos últimos 20 anos neste país. Só faltam, agora, o Uruguai, no dia 12 de maio, e o Lúcio Gutierrez, do Equador, que vai ser no dia 27 de maio.

E nós, pela primeira vez, estamos construindo uma verdadeira posição de integração da América do Sul. Eu tenho dito para todos os países: “se vocês imaginarem que os Estados Unidos vão atender a demanda de vocês, vocês vão continuar sendo pobres e vão continuar sendo endividados como são. Nós precisamos começar a acreditar em nós”. Recuperar a auto-estima do povo significa antes recuperar a auto-estima dos governantes dos países da América do Sul e não agir de forma subserviente diante desse mundo globalizado. E isso está sendo uma coisa extraordinária.

O nosso segundo passo, dom Jayme, o ministro Celso Amorim começou



a dar ontem: vamos nos voltar um pouco para a África, que nunca deveríamos ter abandonado. O Brasil tem suas raízes na África. Mas acontece que a cultura brasileira, durante 500 anos – é só olhar o mapa do Brasil –, se a gente pegar o mapa do Brasil, a gente vai perceber que, nesses 500 anos, o Brasil ficou de olho apenas no chamado Velho Continente. Ou seja, o Brasil ficou subordinado a quem o descobriu, ou à Coroa Portuguesa ou à Coroa Inglesa, e, nos últimos 50 anos, aos americanos. Nós nunca demos importância nem para a América do Sul.

Vou dar um exemplo a vocês: nós, agora, fizemos um convênio para construir uma ponte em Assis Brasil, na fronteira com o Peru. É Assis Brasil, do nosso lado, e Iñapari, do lado do Peru. Uma ponte que vai custar apenas 4 milhões de reais, uma ponte de 150 metros, mas sem a qual não há integração. A Bolívia, para ter acesso ao rio da Prata, precisa que o Brasil ajude com um financiamento de, quem sabe, 40 ou 50 milhões. Isso está por fazer há séculos e nunca se fez. Se queremos falar em integração, vamos ter que fazer, senão, não há integração. Fica só no discurso, naquela relação sentimentalista, porque é muito bonito – não é? – a gente falar em integração. Todo mundo aplaude. Mas o dado concreto é que se fala e não se faz. Então, nós, agora, queremos fazer a ligação Brasil-Peru, a ligação Brasil-Bolívia, a ligação Brasil-Venezuela, a ligação com todos os lugares em que for possível fazer, porque, aí, vai haver integração de verdade.

E a África? Imaginem vocês que há países na África onde nós não temos embaixada, não temos nem escritório em países de língua portuguesa. Então, se nós quisermos nos respeitar, precisamos começar a fazer a nossa lição de casa, que é manter as nossas relações com os iguais. Eu comecei a minha vida, dom Jayme, fazendo um boletim no sindicato, que era assim: eu fazia um feixinho de varas e falava: “um graveto é fácil quebrar, mas um feixe de gravetos é difícil”.

A saída para os países pobres é se juntarem, para poderem lutar na sua



relação com os ricos. Se ficar cada um achando que, sozinho, vai encontrar a solução, não vai haver solução. E o Brasil pode jogar o papel de liderança. Não aquela liderança hegemônica, aquela liderança que quer mandar, que quer dar palpite, que quer que os outros façam somente o que ela gosta, mas aquela liderança generosa, que faça parceria, que ceda quando tiver que ceder. É assim que a gente faz as coisas acontecerem no mundo.

E nós estamos conscientes disso. Temos consciência do privilégio que temos na relação com a América do Sul. Depois, temos com a África. Depois, temos com a América Latina, sem perder de vista a importância da relação Brasil-Estados Unidos, da relação Brasil-Europa. Mas temos que abrir espaço com a Índia, com a China, que são países que podem colaborar muito com o Brasil.

Dom Jayme, eu queria, apenas para terminar, porque sei que vai haver um debate agora, dizer a vocês que estou com muita esperança.

Nós tomamos algumas medidas, uma coisa que a gente vem construindo. A primeira coisa que nós queríamos fazer era criar o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social. Por que a gente queria criar um Conselho? Porque não queríamos permitir que fosse criado no nosso Governo um movimento contrário a ele. Quero dizer para vocês que aí é a arte de fazer política do José Dirceu, do Gushiken, do Dulci, de tantos companheiros. Constituimos um Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, com 82 pessoas e, agora, vamos ter 90 pessoas. Era para colocar várias representações da sociedade, para que a gente pudesse ter uma representação do conjunto da sociedade discutindo políticas públicas junto com o Governo. E, para minha surpresa, está funcionando de forma extraordinária.

Depois, resolvemos criar algumas Secretarias, que já eram promessas nossas, muito antes do tempo. A Secretaria que nós transformamos, praticamente, com caráter de Ministério, que é a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, em que colocamos a companheira Matilde como Secretária.



Depois, elevamos a Secretaria da Mulher ao *status* de Ministério; mantivemos a Secretaria de Direitos Humanos nas mãos do companheiro Nilmário, mas também com *status* de quase Ministério; criamos o Ministério das Cidades, porque era uma vergonha neste país a cidade ser tratada numa Secretaria de Desenvolvimento Urbano. Criamos a Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca, porque o Brasil tem 8 mil quilômetros de costa marítima, além das 200 milhas, e a questão da pesca era tratada numa vírgula de um artigo no Ministério da Agricultura e o Brasil tinha que importar peixe do Peru ou do Chile. Criamos uma Secretaria e colocamos um outro católico, que é o José Fritsch, lá de Chapecó.

E quando lançamos o Programa Fome Zero – aqui está o ministro Graziano –, quero dizer para vocês o seguinte: Esse programa tem uma parte estrutural que depende da nossa capacidade de investimento, mas tem uma parte emergencial e também estrutural que vai depender muito da sociedade brasileira. Coloquei o Frei Betto junto com o Graziano, coloquei o Oded Grajew, que é para tentar envolver a sociedade nisso. Além do Consea, onde estão as representações de quase todos os lugares.

A sociedade assume para si a responsabilidade, ou seja, nós vamos ter que provar se temos ou não capacidade de construir um milhão de cisternas, que a ASA pede há tanto tempo neste país. Será que não é possível o Brasil inteiro construir um milhão de cisternas? Obviamente, não vai resolver o problema do Brasil, nem do Nordeste, mas somente quem não passou sede não dá valor a uma cisterna.

No Nordeste, a gente não tinha nenhuma educação para entender que tinha que ferver a água, que tinha que coar. Bebia daquele jeito. É por isso que, quando cheguei a São Paulo como migrante, eu só tinha barriga. As perninhas dessa grossura e a barriga desse tamanho assim, de verme.

Então, a cisterna, é uma coisa fantástica. Não vai resolver o problema da irrigação, mas a água de beber para uma família no Nordeste é uma bênção



que nós não temos o direito de negar àquelas pessoas. Até porque é preciso diminuir a indústria da seca, a indústria dos caminhões-pipa, neste país.

Eu até brincava que, se eu não tivesse sido eleito Presidente, eu iria montar uma “Lula-Pipas”, porque tem gente que está rico com caminhão-pipa. É preciso acabar com isso e é o que os prefeitos mais pedem quando a gente vai lá.

Eu quero dizer de viva voz, aqui, para os companheiros da CNBB: nas outras campanhas, muitas vezes, me obrigaram a ir ao marco-zero da Santarém/Cuiabá, para que eu assumisse o compromisso de que iria construir a Santarém/Cuiabá e eu me recusei a isso. Também, perdi as eleições. Mas eu não ia por uma questão de princípio. Eu não podia, em cada lugar que chegasse, ficar fazendo uma promessa. Vejam o destino: eu, que não assumi compromissos, vai ficar nas minhas costas fazer a Santarém/Cuiabá. Da mesma forma que eu sempre me recusei a discutir a transposição das águas do jeito que muita gente queria discutir, sem antes discutir como recuperar o rio São Francisco, como recuperar seus afluentes, como recuperar a sua cabeceira.

Houve nota de protesto e de repúdio contra mim, em plena eleição, na Paraíba, no Rio Grande do Norte, no Ceará. E serei eu – prestem atenção ao que eu estou dizendo, e eu não posso mentir na frente de tantos bispos e cardeais aqui –, serei exatamente eu, que nunca assumi um compromisso, que vou fazer a transposição das águas para o Nordeste brasileiro.

E vamos estudar com muito carinho a bacia do Tocantins e vamos fazer, porque a gente não pode permitir que o nordestino fique mais um século subordinado, como vítima da seca. Se a seca é um fenômeno da Natureza, a fome causada por ela é falta de vergonha de quem governou este país durante tantos e tantos séculos. Então, nós vamos tentar fazer esse reparo, porque é justiça que a gente vai ter que fazer com o Nordeste brasileiro.

E, por último, eu queria dizer para vocês que descobri uma coisa



fantástica no Governo: é que, por menos que a gente tenha dinheiro, a gente tem dinheiro. Quando era prefeito de Ribeirão Preto, o Antônio Palocci falava assim para mim: “Lula, não se preocupe. Se você ganhar as eleições, você vai perceber, a gente vai passar um aperto no começo, mas, depois, você vai perceber que um real na mão deles vale dois reais na nossa mão.”

Quando houve o corte no Orçamento, eu falei para os ministros: “eu não estou preocupado, porque, se a máxima do Palocci valer, que cada real na mão deles vale dois na nossa mão, então estou com o dobro do Orçamento que penso que estou. Então, eu vou ter que fazer e pedir a Deus que me ajude a fazer o milagre da multiplicação do Orçamento”.

Mas podem ficar certos de que, neste ano, vocês vão ver que o dinheiro do Pronaf vai sair no tempo certo e vai sair mais do que sempre saiu. Vocês vão ver que o dinheiro para o plantio vai sair no mês de maio, não vai esperar agosto, quando as pessoas já plantaram. Nós fomos a Buíque, Pernambuco, fazer o lançamento de um programa em que a gente está se comprometendo: se o produtor plantar, nós compramos o que ele plantou, para ele não ficar vítima dos preços.

Vai dar para fazer muita coisa. Vocês podem ficar certos de que não ficarão frustrados com este Governo. E o que eu quero, dom Jayme, é pedir a todos os bispos, até pela relação de amizade que eu tenho com muitos, que membros do meu Governo têm com muitos aqui, o que eu quero pedir para vocês é o seguinte: o verdadeiro amigo não é aquele que fica dando tapinha nas costas. De vez em quando, o verdadeiro amigo é aquele que faz uma crítica, é aquele que chama a atenção. Esse é, muitas vezes, mais amigo do que aquele que fica só “Ah, está maravilhoso. É bonito. Está extraordinário”. Então, eu não quero isso. Eu quero uma relação de lealdade, uma relação de companheirismo, uma relação em que cada um de nós não perca a referência daquilo que nós somos, não perca a referência da nossa autonomia, mas, ao mesmo tempo, que a gente não perca a noção de que resolver os problemas



do Brasil não é problema de um Governo. É mais do que isso. É um problema da sociedade brasileira. E vocês sabem tão bem o quanto isso é verdadeiro, nas dificuldades que vocês passam, no trabalho pastoral que vocês fazem por este país afora.

Pode ficar certo de uma coisa, dom Jayme: qualquer um que seja eleito Presidente da CNBB ou secretário-geral pode ficar certo de que a relação com o meu Governo será uma relação fraternal, cordial, sincera, e que tanto a CNBB quanto outras entidades de caráter nacional vão, muitas vezes, ser consultadas sobre as políticas que nós queremos fazer neste país. Para não dizer que eu acho que há muito tempo um Presidente da República não vinha fazer um debate com tantos bispos juntos. Isso já é uma mudança e um sinal de que alguma coisa mudou de verdade neste país.

Portanto, dom Jayme, muito obrigado por esta oportunidade. E vamos agora ao debate, que é o que vocês estão esperando.

NO ENCERRAMENTO DO DEBATE

Olhem, há várias coisas para serem respondidas. Algumas, eu acho que cada ministro, aqui, respondeu, ou nós levaremos para a Presidência da República e, depois, responderemos. Como tem o nome de cada pessoa que perguntou, a gente responde por escrito e envia, porque depois a CNBB pode querer utilizar isso em outros debates.

Quero dizer para vocês, também, que este aqui é apenas o início de uma série de debates que acho que vão acontecer por este país afora. Obviamente, a pauta de assuntos é muito mais ampla do que essa de hoje. Há muito mais coisas para serem discutidas. E quero dizer que estamos totalmente à disposição.

Quando eu digo “nós estamos totalmente”, não se pode pensar que o



Presidente está disponível todo dia para um debate. Mas o que tem de gente do Governo disposta a debater! Nós estamos ávidos por debates. Ninguém vai pegar no nosso pé: “Convidamos e não vieram”. Não. Convidou, estamos lá, para fazer o debate, porque é disso que vão resultar os acertos da nossa política.

Com relação à Sudene, dom Marcelo Carvalheira sabe que é um compromisso histórico de 89, 94, 98 e 2002. Não posso ter prometido uma coisa durante três eleições e, agora que ganhei, como diria o Magri, “desprometer”. Pelo contrário.

A Sudene vai ser peça fundamental no modelo de desenvolvimento regional que nós queremos para o Brasil. Da mesma forma que nós vamos também tratar de recuperar a Sudam, porque a Amazônia tem que ser pensada de forma mais carinhosa.

E, aí, vamos criar o Conselho de Desenvolvimento da Região Centro-Oeste do país, que não existe. Vamos anunciar – aliás, eu já anunciei para os governadores – nós vamos criar o Fundo Nacional de Desenvolvimento Regional, que vai ficar com 2% de todos os impostos federais, que serão destinados para o Fundo de Desenvolvimento Regional. Porque o Brasil tem que ser pensado nacionalmente, regionalmente e setorialmente. Se não houver este tripé de pensamento sobre o Brasil, a gente não consegue dar dimensão a um novo modelo de desenvolvimento que queremos para este país.

E, certamente, essas coisas todas são difíceis, são complicadas, porque o Brasil não tem cultura de trabalhar com planejamento de longo prazo e, muito menos, nunca se respeitou a questão do desenvolvimento regional. A pessoa, quando pensa no país, pensa que o país é homogêneo, que todo mundo é igual, que todo mundo tem a mesma cultura, que a terra é a mesma. Basta andar um pouco. Lamentavelmente, para tristeza de todos vocês e nossa, brasileiros, o último Presidente da República a andar neste país, antes deste candidato – quando eu era candidato andei muito – foi Juscelino Kubitschek,



em 1955.

Depois disso, se vocês pegarem a agenda de todos os governos militares, se vocês pegarem a agenda de Fernando Henrique Cardoso, de Itamar, de Collor, de Sarney, de Figueiredo, de Médici, de quem vocês quiserem, vão perceber que eles visitavam Brasília, o seu estado natal, e Brasília. De vez em quando, o Rio de Janeiro. De vez em quando, iam a uma capital e voltavam. O Juscelino foi o único que, quando no mandato, viajava pelo Brasil. E eu tive a primazia de viajar pelo Brasil antes de ser eleito, porque, como perdi três eleições, eu aproveitei e já andei pelo Brasil à vontade. Mas não é por causa das eleições, porque, nas eleições, a gente também não conhece. Em eleição, a gente desce no palanque e não conhece nem quem está apresentando a gente. Foi por causa das caravanas da cidadania que me deram um conhecimento profundo sobre o Brasil

Na questão das instituições de desenvolvimento regional, podem ficar certos de que as que não existem ainda nós estamos criando e queremos anunciar logo, porque já queremos que haja dinheiro para o próximo Orçamento.

A questão da dívida externa e das dívidas sociais, são dois problemas complicados. Primeiro, porque, todo mundo aqui sabe da vulnerabilidade da economia brasileira. O Brasil está com uma economia muito frágil porque, durante muito tempo, acreditou-se em mentiras e o Brasil, então, ficou dependendo do dinheiro que vinha para cá. E nós não só aumentamos a nossa dívida interna como temos uma dívida externa pesada, sendo que 60% dela são da iniciativa privada. Mas, também, quando é da iniciativa privada, traz problema para o Governo, porque, se um grande grupo econômico tiver uma dívida externa e não puder pagá-la, vai ficar na mão do Governo: “Deixa quebrar ou empresta dinheiro?” Sempre cai na mão do Governo. O Governo funciona como um pai funciona para os filhos. Todo filho pensa que é independente, pensa que pode fazer o que quiser, pensa que pode ir para a



noite. Agora, quando acontece alguma coisa, volta para casa, pedindo para o pai e para a mãe: “Por favor, me socorram.” Então, é assim. A dívida é dos empresários, mas, no fundo, nós somos uma espécie de avalista, porque somos o Governo, temos interesses e porque a nós não interessa que nenhuma grande empresa nossa quebre, porque senão será um desastre.

Eu estou tentando convencer os países da América do Sul de que nós poderíamos apresentar uma proposta de renegociação da dívida externa. Agora, isso tem que ser muito conversado, porque não é fácil a gente convencer um Presidente de um país a aceitar fazer um jogo conjunto. Eu até agradeço a Deus pelo comportamento que os Presidentes têm tido comigo. Olhem, eu já fiz reunião com o presidente Duhalde, da Argentina, com o Presidente da Colômbia, com o Presidente do Equador, com o Presidente da Venezuela, com o Presidente da Bolívia, com o Presidente do Peru e todos eles estão pedindo que o Brasil lidere a América do Sul, num processo de desenvolvimento.

Eu quero convencê-los, também, a elaborar uma proposta que faça com que os países ricos assumam a responsabilidade de uma parte dos juros que eles têm que pagar da dívida, transformem aquilo em títulos para criar recursos para o desenvolvimento na América do Sul. Isso não é fácil porque, primeiro, tenho que convencer os Presidentes a concordarem. Depois, eu tenho que convencer os outros, lá, a aceitarem isso.

Eu acredito numa coisa. Quando eu falei, aqui, no começo, que não acredito que todo mundo seja mau ou que todo mundo seja 100% bom, é porque, durante quase 20 anos da minha vida, eu passei fazendo negociações, em situações adversas, em situações delicadas. E eu acho que é possível a gente convencer o mundo de que é preciso começar a mudar, inclusive as orientações do FMI para os países do Terceiro Mundo. Se não acreditasse na capacidade do convencimento, na capacidade da persuasão, eu não seria Presidente da República. Eu acredito que é possível. Há uma nova lógica no



mundo, hoje.

E vejam o que isso significa. Vocês estão lembrados do que era o Brasil em dezembro. E vocês ouviram, aqui, dizer que o companheiro Palocci está melhor do que o Malan. Sabe o que acontece? É que credibilidade você pode conquistá-la com facilidade, mas você pode perdê-la com facilidade. O Brasil chegou a uma situação, no ano passado, apesar da “boa pinta” dos homens que dirigiram a economia deste país. Nem no tempo da moratória do Sarney, em 1986, cortaram o crédito para as exportações brasileiras. E agora, com o Malan, com quinhentas vindas do FMI aqui, com todo mundo sendo amigo de todo mundo, com Fernando Henrique Cardoso viajando 365 dias, em oito anos, para o exterior, eles, simplesmente, desde agosto do ano passado, cortaram toda e qualquer linha de crédito para as exportações brasileiras. E, sem isso, você não exporta, porque você não tem capital de financiamento.

Ora, o que aconteceu? O terrorismo que “venderam” sobre nós desapareceu com algumas medidas sensatas que nós tomamos. Porque falar, às vezes, é mais fácil do que fazer. Em economia, a gente, muitas vezes, faz e não fala, porque, se falar, não faz.

É preciso ter muito cuidado. O jogo é muito delicado e nós vamos fazer. E vamos fazer sabendo que o que está em jogo não é apenas a economia do Brasil, é a nossa história. Eu não quero ser lembrado pela história do Brasil, daqui a cinquenta anos, porque há um quadro com o retrato de alguém que foi Presidente, no Salão Nobre do Palácio do Planalto. Sabem aquelas figuras que a gente nem lembra quem foram? Eu não quero ser lembrado por isso. Eu devo ser lembrado pelo que o conjunto da sociedade brasileira poderá fazer neste país. E nós vamos criar as condições para mudar as relações. Mas este é um jogo político. Nós temos que fazê-lo com esperteza e sabedoria, porque, em política, a gente não pode arrumar muito inimigo ao mesmo tempo. Quando você arruma um, você ganha outro amigo. Você tem que ter sempre um contraponto para não tomar bordoadas de todo mundo.



Vejam o que aconteceu com Hugo Chávez, na Venezuela. O Chávez é uma belíssima figura. Se vocês conhecerem o Chávez, todo mundo vai gostar. A Igreja de lá não gosta dele. Vocês vão “adorar” o Chávez. É simpático, agradável. Agora, como ele tem uma formação militar e não política, ele não faz política. Então, ele briga com todos. Ele é capaz de brigar com todos vocês ao mesmo tempo. Eu, se quiser brigar com dom Jayme, vou ficar de bem com dom Cláudio. Eu vou querer dividir os meus adversários para poder ter uma força.

Na questão do latifúndio, é a mesma coisa, viu, meu querido dom Tomás Balduino. Nós temos que medir, concretamente, cada passo que a gente vai dar. Imaginem que estou com bursite nos meus braços, nem lutar boxe eu posso mais. Então, eu sei cada passo que tenho que dar. Sei que vou dar esses passos. Mas vou dar calibrado, porque eu não posso dar um passo e voltar atrás, porque, se voltar atrás, eu fico desmoralizado. E determinadas coisas delicadas a gente só vai colocar no Congresso Nacional quando tiver a certeza de que vai ganhar a votação, porque senão, você perde uma, perde duas, perde três, e você fica desmoralizado na sua relação com o Congresso Nacional. E eu não estou aqui para isso. Vamos fazer um jogo bem feito.

E a questão da dívida externa? Nós vamos ter que resolver, nós vamos reduzir juros. Será que alguém neste país imagina que eu não tenha vontade de reduzir os juros com uma medida provisória? Agora, há fragilidade. Isso é como um doente: se a pessoa está frágil, você não pode nem tirá-la do lugar, nem transportá-la para um hospital melhor. Não é isso? Você tem que deixá-la deitada, dando remediozinho ali, até criar oportunidades. E nós vamos mudar, porque senão nós não mudamos o modelo econômico.

Mas vejam uma coisa, vejam o que é bom: ontem, vocês sabem que os títulos brasileiros alcançaram o maior valor de toda história dos títulos brasileiros? Eu, que era o “monstro” que ia acabar com a economia brasileira... Nós colocamos 1 bilhão de reais. Apareceram compradores para 6 bilhões.



Nós nem quisemos vender. Aí já esnobamos, também: agora, vamos devagar. Tinha gente que dizia que o dólar iria subir para 5 reais. Tinha deputado que esbravejava, no Congresso Nacional, inclusive do meu querido PT: “O salário mínimo tem que ser, no mínimo, 100 dólares”. Se “brincar”, daqui a um mês, vai estar, porque o dólar vai cair para 2,40.

Eu sou uma pessoa que digo sempre: sou abençoado, porque Deus foi muito generoso comigo. E eu brinco sempre, sem nenhum demérito ao Cristovam, que é economista, ao Suplicy, que é economista, quem mais é economista aqui na Mesa? O Graziano, que é economista. O José Dirceu, não. O José Dirceu é advogado. Eu tive a sorte de ter um médico no Ministério da Fazenda. Eu tive sorte, porque o jogo da economia é muito pesado. Tem uma parte dele muito teórica. E, na hora em que você coloca um médico, que está acostumado a lidar com gente que está morrendo, que tem que ter mais carinho... O Palocci é o mais jeitoso de todos nós para fazer essas coisas. Não veio aqui porque foi jogar bola comigo e se machucou, não agüentou disputar comigo, perdeu. Mas ele está disposto a discutir também. Ele já veio à CNBB. Se vocês, um dia, quiserem convidar o Palocci para discutir economia, não tem tempo ruim. Ele vai a qualquer lugar, porque nós queremos fazer este jogo com a maior clareza possível.

E, por último, a questão da dívida social. Esta é a razão da minha entrada na política. Eu só entrei na política, eu só criei um Partido, porque acredito nessas coisas. E este é um compromisso que não é programático, não. É um compromisso ético, é um compromisso cristão, é um compromisso de um ser humano que viveu isso na pele. Eu tenho sensibilidade. Eu vejo, nos olhos das pessoas, quando me vêem na rua, principalmente os mais pobres, o grau de expectativa que nós geramos. Então, eu sei que não posso frustrar isso.

E vocês vão ver, a partir de junho, quando a gente já vai ter um mapa dos seis meses. Possivelmente, em seis meses tenhamos liberado mais



recursos para política social do que foi liberado em muitos outros anos. Só para se ter uma idéia, de 1 bilhão de reais e pouco que havia no ano passado para saneamento básico, foram liberados apenas 19 milhões. Nós já liberamos, neste ano, 1 bilhão e 400 milhões reais para saneamento básico. Agora, é o Governo liberar e depois tem que ter 500 para fiscalizar, para saber se o dinheiro saiu. Porque você libera, a Caixa autoriza e, depois, tem que passar por tanta gente que termina o ano e não se gastou o dinheiro. Isso se a gente não tiver, da sociedade, gente denunciando, gente cobrando que não saiu.

Qual é o problema do Pronaf? É que o Banco do Brasil liberava o dinheiro e já ficava com quase 40 centavos para cada real emprestado. Depois, o coitado do pequeno tinha que passar por tanta gente que ele desanimava. Então, nós já decidimos que vamos acabar com a burocracia. E o Presidente do Banco do Brasil assumiu essa responsabilidade. Vai depender, agora, de a gente fazer acordo com os Sem-Terra, com a Contag, com a Fetraf-Sul, para que eles denunciem, se não estiver acontecendo. Se o Governo anunciou, na televisão: “Vai liberar”, na semana seguinte, não saiu. “Tudo bem, não saiu na semana seguinte, o Governo é novo”. Na outra não saiu, espera aí. Já tem coisa errada. E se ninguém denuncia, ninguém sabe. Porque, às vezes, perto de um Presidente ou perto de um ministro só chega notícia boa. As pessoas têm medo de dar notícia ruim para a gente.

Eu acho que a denúncia faz parte de um processo de não permitir que a gente caia no esquecimento, porque a máquina é envolvente. Olhem, esses “meninos” todos, aqui, estão entrando às 8 horas da manhã e muitos saem à meia-noite, uma hora da manhã e não atenderam todo mundo que tinham que atender. Nós precisamos nos livrar um pouco da máquina. O José Dirceu já anda reclamando que estou viajando muito. Viajar muito significa que vai acumulando serviço na Pasta dele, porque ele tem que preparar um monte de coisas para eu assinar. Mas eu acho que todos os ministros vão ter que viajar mais do que já viajou. Viajar muito, para que a gente não perca o pé no chão



que nos elegeu. Se a gente achar que o mundo se resume ao Palácio do Planalto, a gente acabou. Nós temos que perceber que o mundo está lá, nas palafitas do rio Amazonas, de Manaus, nas palafitas de Recife, e daí por diante.

E esse compromisso, meus companheiros cardeais e bispos, funcionários que estão aqui, companheiras, eu quero que vocês saibam o seguinte: nós estamos à disposição, 24 horas por dia, para qualquer discussão.

Muito obrigado. E que Deus abençoe a todos nós. Obrigado, dom Jayme.

</rss/cms/lrj/vpm>